

Mediando vínculos entre comunidade e cidades cemiteriais: a pesquisa-ação como dispositivo de educação patrimonial no Cemitério Santa Izabel em Belém do Pará



RESUMO

Este artigo apresenta as atividades de visitas mediadas em cidades cemiteriais como *pesquisa-ação*, prática que consiste em identificar um problema da realidade pesquisada e enfrentá-lo junto aos demais envolvidos. O objetivo consiste em demonstrar como a experiência das visitas mediadas no Cemitério Santa Izabel, em Belém do Pará, configura-se como uma *pesquisa-ação*, na medida em que articula a produção do conhecimento com a intervenção direta no campo. Adotou-se uma abordagem qualitativa, envolvendo uma análise etnográfica das visitas mediadas realizadas no local em 2023 e 2024, com atenção às interações entre público, espaço e narrativas mobilizadas durante os percursos. Complementarmente, analisam-se os registros fotográficos produzidos ao longo das visitas. Os resultados evidenciam a importância da realização de atividades educacionais, turísticas, culturais e econômicas nas necrópoles como dispositivo de educação patrimonial, com o intuito de ampliar o acesso aos espaços, às histórias e narrativas, bem como inserir a população nesse circuito por meio de projetos educacionais e culturais.

Palabras clave: Pesquisa-ação; Mediação cultural; Turismo cemiterial; Educação patrimonial; Cemitério Santa Izabel.

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA). Pesquisadora vinculada e membro da diretoria (2025-2029) da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia da Morte (GEAM). CV: <http://lattes.cnpq.br/2862672148883935>

**Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM/UFPA). Atua como bolsista PCI no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). CV: <http://lattes.cnpq.br/3427401259177071>

Mediating Bonds between community and cemetery cities: action research as a heritage education device at Santa Izabel cemetery in Belém do Pará

ABSTRACT

This article presents mediated visits in cemetery cities as a form of action research, understood as a practice that involves identifying a problem within the researched reality and addressing it collaboratively with those involved. The objective is to demonstrate how the experience of mediated visits at Santa Izabel Cemetery in Belém do Pará constitutes action research by articulating knowledge production with direct intervention in the field. A qualitative approach was adopted, involving an ethnographic analysis of mediated visits conducted at the site in 2023 and 2024, with particular attention to interactions among the public, the space, and the narratives mobilized throughout the itineraries. In addition, photographic records produced during the visits are analyzed. The results highlight the importance of carrying out educational, touristic, cultural, and economic activities in necropolises as a means of heritage education, aimed at expanding access to these spaces, their histories and narratives, and integrating the local population into this circuit through educational and cultural projects.

Keywords: Action-research; Cultural mediation; Cemetery tourism; Heritage education; Santa Izabel Cemetery.

Tejiendo vínculos entre la comunidad y los cementerios: la investigación-acción como herramienta de educación patrimonial en el Cementerio de Santa Izabel, en Belém do Pará

RESUMEN

Este artículo presenta las actividades de visitas guiadas en ciudades-cementerio como investigación-acción, una práctica que consiste en identificar un problema de la realidad investigada y abordarlo junto con el resto de los involucrados. El objetivo es demostrar cómo la experiencia de las visitas guiadas en el Cementerio Santa Izabel, en Belém do Pará, se configura como una investigación-acción, en la medida en que articula la producción de conocimiento con la intervención directa en el terreno. Se adoptó un enfoque cualitativo, que implicó un análisis etnográfico de las visitas guiadas realizadas en el lugar en 2023 y 2024, prestando atención a las interacciones entre el público, el espacio y las narrativas movilizadas durante los recorridos. Complementariamente, se analizan los registros fotográficos generados durante las visitas. Los resultados evidencian la importancia de realizar actividades educativas, turísticas, culturales y económicas en las necrópolis como dispositivo de educación patrimonial, con el fin de ampliar el acceso a los espacios, las historias y las narrativas, así como de insertar a la población en este circuito mediante proyectos educativos y culturales.

Palabras clave: Investigación-acción; Mediación cultural; Turismo funerario; Educación patrimonial; Cementerio de Santa Izabel.





Cemitério Santa Izabel, inaugurado em 1870, foi o segundo cemitério público construído em Belém do Pará, surgindo em um contexto marcado por sucessivas epidemias de febre amarela, cólera e varíola que afetaram intensamente a capital paraense. Sua criação respondeu à necessidade de ampliação da infraestrutura funerária da cidade, uma vez que o Cemitério Nossa Senhora da Soledade - inaugurado em 1850 e então principal campo-santo de Belém - encontrava-se sobrecarregado. Este último foi posteriormente tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1964 e passou por um processo de Requalificação em 2021 (Rodrigues, Souza, Santos, 2023), refletindo a crescente valorização de seu acervo histórico e arquitetônico e encerrando suas atividades anos depois, ficando a cargo do Cemitério Santa Izabel dar continuidade às inumações da cidade.

Localizado no bairro do Guamá, o Cemitério Santa Izabel foi criado, assim como os demais, seguindo uma política territorial e geográfica de afastamento do núcleo urbano e dos grandes centros das cidades, movimento estimulado pelo Poder Público desde o século XVIII, sendo um marco a Lei Imperial nº 29, 11 de setembro de 1828 – Estruturação do Município, devido às propostas urbanísticas que direcionaram a expansão da cidade para regiões opostas aos bairros do sul da capital paraense. Esse processo, aliado à secularização desses espaços, contribuiu para o deslocamento simbólico e físico dos mortos e das práticas funerárias para as margens da vida social, descentralizando da vida cotidiana a relação entre os vivos, a morte, os mortos e o morrer.

Essa transformação também pode ser lida como parte de um movimento mais amplo de reconfiguração das sensibilidades ocidentais frente à morte (Vovelle, 2000). A partir do Iluminismo, consolida-se um esforço cultural e intelectual de distanciamento da morte, progressivamente retirada do horizonte cotidiano e relegada ao silêncio, à medicalização e à invisibilidade social. Logo, o afastamento espacial dos cemitérios e a reorganização urbana que os empurra para as margens não se restringem a medidas sanitárias ou administrativas, mas participam de uma economia moral e simbólica que busca domesticar, ocultar e, em certa medida, esquecer a morte, reconfigurando as formas de relação entre vivos e mortos no mundo moderno.

Embora atue como um cemitério público, o Santa Izabel abriga túmulos e sepulturas de personalidades importantes da história de Belém, como a escritora Eneida de Moraes, o Governador Magalhães Barata e alguns poetas paraenses, como Antônio Tavernard, entre outros. No entanto, ainda que possuam importantes figuras históricas e distintas formas em potencial para o desenvolvimento de atividades culturais, os espaços cemiteriais ainda ocupam a paradoxal polaridade de serem, simultaneamente, espaços de lembrança e esquecimento (Urbain, 1978), frequentemente negligenciados como lugares de memória¹ (Nora, 2008) e de

¹ Lugares de memória referem-se a locais, objetos ou eventos que possuem um significado especial para a memória coletiva de um grupo social, servindo como pontos de referência para a construção e manutenção da identidade desse grupo. Eles podem ser tanto físicos (como monumentos, museus, edifícios históricos), quanto lugares funcionais (que adquirem a função de guardar a memória), e simbólicos (como datas comemorativas, histórias transmitidas oralmente). Ainda, os lugares de memória marcam a passagem de uma memória vivida para uma história construída, permitindo fixar o passado para que ele não se perca e funcione como âncora da identidade cultural (Nora, 2008).

mediação cultural. Falta-lhes, em grande medida, uma política institucional voltada à valorização de seus acervos patrimoniais e simbólicos, o que torna escassas as iniciativas de ações educativas ou práticas curatoriais que articulem a história e as narrativas locais. Essa ausência de mediação cultural contribui para o apagamento das múltiplas camadas de significados que esses espaços condensam, limitando-os, muitas vezes, à função administrativa de inumação, em detrimento de seu potencial enquanto territórios vivos de memória urbana.

Portanto, reconhecer os cemitérios como espaços educativos, turísticos e culturais reside na urgência de ressignificar esses territórios para além de sua função primária ligada à morte e ao sepultamento. Como lugares que condensam histórias de vida, memória coletiva, práticas rituais, patrimônios arquitetônicos e expressões simbólicas da cultura local, os cemitérios tornam-se um campo fértil para experiências educativas e reflexivas. Ao valorizar a presença de personagens históricos, manifestações artísticas e tradições populares – muitas vezes esquecidas ou marginalizadas –, esses espaços possibilitam uma leitura ampliada da cidade e de seus processos históricos, sociais e afetivos. Reconhecê-los como patrimônios culturais, isto é, como bens que requerem proteção por seu potencial de construir pertencimentos, identidades e experiências a partir de práticas sociais, artístico-culturais e atribuições de sentido (Nunes, 2005; Pelegrini, 2006), corroborando instituições como o IPHAN, implica promover uma relação mais sensível com o passado e com os modos de lidar com a finitude.

Além disso, a inserção dos cemitérios em roteiros turísticos e em práticas culturais têm potencial para democratizar o acesso à memória e ampliar o reconhecimento da diversidade de narrativas que compõem a história urbana. Em cidades marcadas por desigualdades e esquecimentos institucionais, como é o caso de muitas capitais brasileiras, iniciativas nesse sentido podem contribuir não apenas para a valorização do patrimônio local, mas também para a dinamização da economia criativa e para o fortalecimento de vínculos comunitários com os espaços de memória. Trata-se, portanto, de reivindicar uma política pública que considere os cemitérios como territórios vivos, atravessados por afetos e saberes.

A realização de visitas mediadas orientadas pela *pesquisa-ação*, construídas em coprodução com a população e com os trabalhadores desses espaços, pode ser compreendida como uma tecnologia social e política de intervenção que desloca o cemitério – e demais lugares de memória – da condição de mero equipamento social para a de espaço relacional e epistêmico. Ao mobilizar práticas de escuta situada e engajamento coletivo, tais iniciativas não apenas reconhecem e legitimam saberes locais frequentemente subalternizados, como também operam na ativação de memórias incorporadas, narrativas afetivas e sensibilidades que atravessam esses lugares. Instauram dinâmicas de mediação que tensionam fronteiras entre especialista e leigo, público e privado, pesquisador e ouvinte, favorecendo a constituição de vínculos mais densos entre comunidade e Patrimônio. Trata-se, portanto, de um dispositivo que reconfigura os espaços de memória como ambientes processuais de educação sensível, participação social e produção compartilhada de conhecimento, ao mesmo tempo em que potencializa formas de reconhecimento, pertencimento e disputa em torno das políticas da memória.

Assim, este artigo tem como objetivo central demonstrar como a experiência das visitas mediadas no Cemitério Santa Izabel, em Belém do Pará, configura-se como uma *pesquisa-*

ação, na medida em que articula a produção do conhecimento com a intervenção direta no campo. Ao acompanhar, propor e refletir sobre práticas de mediação cultural nesse espaço, a investigação busca evidenciar os múltiplos potenciais dos cemitérios enquanto lugares de aprendizagem, fruição cultural e produção de memória coletiva. A partir da inserção de Elisa Rodrigues (2023) nas atividades desenvolvidas no cemitério, o artigo analisa como esses espaços podem ser mobilizados criticamente no contexto urbano, contribuindo para a formulação de políticas culturais voltadas ao reconhecimento do Patrimônio Cemiterial.

Para tal, adota-se uma abordagem qualitativa na pesquisa, fundamentada na perspectiva da *pesquisa-ação*, considerando a inserção ativa da mediadora junto à comunidade, estabelecendo-a como dispositivo de educação patrimonial no Cemitério Santa Izabel. A opção pela pesquisa-ação justificou-se pela necessidade de diagnosticar as tensões entre o uso social e a preservação, permitindo uma intervenção dialógica (Thiollent, 2011). A metodologia envolve, ainda, a apresentação etnográfica das visitas mediadas realizadas no local em 2023 e 2024, com atenção às interações entre público, espaço e narrativas mobilizadas durante os percursos. Complementarmente, são analisados registros fotográficos produzidos ao longo das visitas, que funcionam como suportes visuais para a compreensão das dinâmicas espaciais, das expressões simbólicas e das formas de apropriação do cemitério por diferentes sujeitos sociais. O cruzamento dessas fontes permite problematizar tanto as potencialidades quanto os desafios relacionados à ativação cultural de espaços cemiteriais no contexto urbano amazônico, a partir das mediações realizadas.

Direciona-se, neste texto, esforços para compreendermos as necrópoles urbanas e as *cidades cemiteriais*² (Rodrigues, 2023) para além da morte, dos mortos e do morrer, visualizando os diversos campos da experiência humana que esses espaços ocupam e interpelam, influenciando dinâmicas socioculturais, contribuindo com Educação, Cultura e Turismo, além de potencializar sociabilidades e projetos culturais, evidenciando a importância do Cemitério Santa Izabel como espaço de memória e identidade coletiva na cidade de Belém.

Com base nessas considerações, o artigo organiza-se em três seções articuladas. Na primeira, centra-se a análise nos cemitérios enquanto espaços que viabilizam educação, cultura e turismo, sustentando-se a ideia de que, para além de sua função funerária, as necrópoles configuram-se como patrimônios urbanos vivos e sensíveis, atravessados por narrativas históricas, manifestações simbólicas e práticas sociais que os qualificam como suportes para a elaboração de projetos educativos e culturais. Discute-se, ainda, a relevância de políticas públicas e de iniciativas institucionais que reconheçam tais espaços como parte integrante das dinâmicas culturais e turísticas das cidades, sobretudo em contextos marcados por assimetrias no acesso à memória e ao patrimônio.

Na segunda seção, examinam-se as práticas culturais e atividades desenvolvidas no Cemitério Santa Izabel a partir da perspectiva da *pesquisa-ação*, compreendida como uma

² Segundo Elisa Rodrigues (2022; 2023), uma cidade cemiterial é um conceito urbano que enfatiza a integração entre espaços destinados ao descanso eterno dos mortos (cemitérios) e as dinâmicas da vida cotidiana. Trata-se de um conceito que, em vez de serem áreas isoladas ou periféricas, os cemitérios tornam-se parte integrante do tecido urbano, podendo abrigar espaços de convivência, lazer, contemplação e pesquisa. A proposição do conceito é parte dos resultados da dissertação de mestrado e demais artigos da autora.

abordagem metodológica que articula a produção de conhecimento à intervenção no campo, mobilizando a participação não apenas de quem pesquisa, mas, sobretudo, daqueles que vivem e experienciam o espaço – como trabalhadores cemiteriais, devotos e visitantes. Por meio da realização e análise de visitas mediadas, eventos e registros visuais, busca-se compreender de que maneira tais práticas, ao mesmo tempo em que promovem a valorização simbólica do cemitério, engendram novas formas de relação com o espaço, com os mortos e com as narrativas urbanas nele inscritas.

Na terceira seção, afirma-se que as ações desenvolvidas no interior dos cemitérios possuem o potencial de tensionar imaginários cristalizados em torno da morte e do luto, favorecendo processos de ressignificação dos campos-santos como espaços de memória e pertencimento. Argumenta-se que as mediações culturais atuam como dispositivos capazes de reconfigurar as percepções sociais acerca desses lugares, abrindo possibilidades de sua apropriação cidadã e de reconhecimento de suas múltiplas camadas de sentido no tecido urbano contemporâneo.

Cemitérios como espaços de Educação, Cultura e Turismo

Os cemitérios, tradicionalmente associados à morte e ao luto, vêm sendo progressivamente reconhecidos como espaços dotados de valor educativo, cultural e turístico. Segundo Del Puerto e Baptista (2015), tais espaços adquirem, em uma reconfiguração contemporânea do patrimônio, finalidades que extrapolam o âmbito estritamente fúnebre, como a promoção da educação patrimonial, a valorização da memória coletiva, o fomento ao turismo cultural e a difusão de práticas de sensibilização histórica. Ademais, essas cidades cemiteriais não se restringem a locais de sepultamento; configuram-se como arquivos a céu aberto, nos quais se inscrevem vestígios da história, da arte, da arquitetura e das práticas sociais de distintas temporalidades e coletividades. Nessa perspectiva, sua ressignificação enquanto espaços pedagógicos e patrimoniais amplia sua função social, integrando-os às dinâmicas culturais e turísticas das cidades contemporâneas.

Tais práticas encontram correspondência em experiências desenvolvidas em outras cidades cemiteriais do país, como o Cemitério São João Batista (RJ), o Cemitério da Consolação (SP) e o Cemitério do Araçá (SP), onde se observa uma preocupação que não se limita à materialidade do espaço cemiterial, mas abrange também as narrativas ali inscritas por meio de seus sepultados. Trata-se de iniciativas que passam a integrar circuitos culturais urbanos, a exemplo do projeto *O que te assombra?*,³ desenvolvido na cidade de São Paulo com o intuito de aproximar a população das necrópoles locais, promovendo mediações culturais, visitas

³ O projeto *O que te assombra?* é conduzido na cidade de São Paulo por Thiago de Souza, membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, na cidade de São Paulo. A iniciativa desenvolve caminhadas mediadas, em períodos diurnos e noturnos, em espaços como o Cemitério da Consolação e a Necrópole de São Paulo, articulando práticas de educação patrimonial e sensibilização histórica. O projeto conta, ainda, com a participação de outros membros da ABEC, entre os quais se destaca Viviane Comunale, cujas mediações enfatizam abordagens voltadas à dimensão artística e escultórica das necrópoles paulistanas, evidenciando aspectos formais e estéticos presentes nos monumentos funerários.

guiadas temáticas e ações educativas voltadas à interpretação histórica, simbólica e afetiva desses espaços.

Em Belém, o Parque Cemitério Soledade destaca-se como a única necrópole tombada e inserida em circuitos culturais e educativos institucionais. Na cidade, realiza-se, desde 2023, o projeto *Uma Noite no Museu*, que viabiliza visitas noturnas e gratuitas aos museus vinculados ao Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM). A iniciativa tem como objetivo ampliar e democratizar o acesso, ao mesmo tempo em que propõe novas formas de experiência e diálogo com os espaços museais. No âmbito dessa programação, para além da visitação aos espaços expositivos, são realizadas ações de educação patrimonial, visitas controladas a reservas técnicas, feiras de economia criativa e diversas manifestações culturais. Nesse contexto, parceiros institucionais são convidados a integrar as atividades. No Parque Cemitério Soledade, os visitantes contam com a mediação de estudantes e docentes do curso de Conservação e Restauro da Universidade Federal do Pará (UFPA), responsáveis pela condução de visitas guiadas, contribuindo para a qualificação da experiência e para a produção de leituras situadas sobre o espaço cemiterial.

A partir dos breves exemplos mencionados acima, nota-se que o potencial educativo dos cemitérios se manifesta, de modo particular, em sua capacidade de narrar a história por meio de lápides, esculturas, epitáfios e da própria organização espacial das sepulturas. Esses elementos oferecem uma oportunidade singular para que visitantes, estudantes e pesquisadores explorem temáticas como memória social, patrimônio histórico e manifestações artísticas, configurando os cemitérios como espaços de ensino-aprendizagem que possibilitam o contato direto com vestígios materiais e simbólicos do passado, constituindo ferramentas pedagógicas relevantes para disciplinas como antropologia, sociologia, arqueologia e história, favorecendo a construção de uma reflexão crítica sobre a morte e seu papel na cultura.

A educação patrimonial adquire, nesse contexto, especial relevância, encontrando nos cemitérios um espaço privilegiado de atuação. Ao valorizar e preservar as estruturas funerárias, tais práticas buscam sensibilizar a população para a importância da memória coletiva e da identidade cultural. Desta forma, o ensino da história por meio dos cemitérios contribui para uma compreensão mais ampla das transformações sociais e culturais. Projetos educativos desenvolvidos nesses espaços articulam teoria e prática, incentivando um olhar atento às narrativas de vida e morte ali inscritas. Paralelamente, reafirma-se o caráter cultural dos cemitérios, que abrigam expressões simbólicas diversas, desde a arquitetura tumular até os rituais fúnebres. Essas manifestações refletem crenças, valores e concepções sobre a morte que variam ao longo do tempo e entre diferentes sociedades, evidenciando que a forma como uma sociedade lida com a morte está diretamente relacionada às suas estruturas culturais e psicológicas (Ariès, 1977; 1981).

A arte funerária, materializada em esculturas, mausoléus e lápides, constitui um dos aspectos mais evidentes da densidade cultural dos cemitérios. Tais elementos frequentemente apresentam influências de correntes artísticas como o neoclassicismo, o gótico e o *art déco*, conferindo às necrópoles a condição de museus a céu aberto. Ainda, os epitáfios e as simbologias inscritas nos túmulos permitem acessar modos historicamente situados de

representação da morte e da memória. Portanto, a realização de eventos culturais - a exemplo de concertos, exposições e festivais - em cemitérios históricos tem contribuído para a difusão de sua relevância patrimonial e para sua inserção nas dinâmicas culturais urbanas, promovendo não apenas a revitalização desses espaços, mas também a construção de um olhar socialmente mais sensível acerca das relações entre vida e morte.

O inventário desses espaços e de seus elementos constitutivos também se afirma como uma ação fundamental e estruturante, na medida em que subsidia e orienta outras iniciativas nos campos da educação patrimonial, do turismo cultural e das práticas de lazer. Experiências desenvolvidas pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais exemplificam a centralidade desse tipo de ação, especialmente no âmbito do Cemitério do Bonfim, cujo acervo foi objeto de amplo levantamento e sistematização (Mundim & Ferreira, 2024). Estes esforços, bem como os estudos anteriores sobre o tema (Mundim, 2004; 2011; Mundim & Miranda, 2014), evidenciam como a prática inventarial permite não apenas documentar e preservar bens culturais, mas também produzir conhecimento qualificado sobre as necrópoles, fortalecendo sua compreensão enquanto patrimônios complexos, atravessados por dimensões artísticas, históricas e devocionais.

No âmbito do turismo cemiterial (Tavares, 2015), os cemitérios urbanos vêm ganhando destaque como espaços de valorização da memória e do patrimônio funerário (Petruski, 2007; Rodrigues et al, 2023). Cidades como Buenos Aires, Paris e Lisboa possuem cemitérios, tais como o Père-Lachaise, que se consolidaram como importantes atrações turísticas, recebendo milhares de visitantes anualmente. Tais experiências possibilitam o resgate de narrativas históricas e incentivam a preservação desses espaços, ao mesmo tempo em que promovem seu reconhecimento como parte integrante do patrimônio cultural urbano. No Brasil, cemitérios como o São João Batista (Rio de Janeiro) e o da Consolação (São Paulo) exemplificam essa tendência, conforme mencionado anteriormente, atraindo visitantes interessados na história e na arte tumular.

O turismo cemiterial, frequentemente designado por termos como *necroturismo*, *dark tourism* ou *tanatoturismo*, insere-se em um movimento contemporâneo que transforma espaços da morte em destinos de visitação, contemplação e experiência. Embora muitas vezes seja percebido como fenômeno recente, o ato de caminhar entre túmulos, visitar sepulturas ilustres ou percorrer lugares marcados pela morte possui raízes em práticas antigas, ressignificadas pela modernidade urbana e pelas políticas de patrimonialização. Sob a denominação de *dark tourism*, cunhada por Foley e Lennon (2000), tais práticas passaram a ser compreendidas como formas de consumo cultural da morte, envolvendo visitas a locais de sofrimento coletivo, como campos de concentração, zonas de desastre e cemitérios históricos. O termo *necroturismo*, por sua vez, enfatiza os deslocamentos direcionados especificamente aos espaços funerários, frequentemente motivados por interesses patrimoniais, simbólicos ou religiosos (Del Puerto & Baptista, 2015).

A pluralidade terminológica mobilizada nessas atividades revela diferentes enfoques analíticos e políticos sobre os sentidos dessas práticas. Enquanto o *dark tourism* tende a acentuar dimensões associadas à morbidez e ao trágico (Stone, 2006), o *tanatoturismo*,

vinculado à tanatologia, costuma ser mobilizado em contextos que privilegiam relações de caráter educativo, memorial ou filosófico com a finitude (Seaton, 1996). Já o *necroturismo*, ao se ancorar no espaço cemiterial, abrange também práticas devocionais e afetivas, muitas vezes dissociadas de uma leitura centrada no “obscuro” (Del Puerto & Baptista, 2015). Em contextos latino-americanos, como o brasileiro, tais deslocamentos frequentemente se articulam a circuitos religiosos e a formas populares de culto aos mortos, como as visitas a túmulos de santos populares ou “almas milagrosas”, nas quais a experiência turística se entrelaça com práticas rituais, devocionais e emocionais (Assis et al., 2025).

Portanto, mais do que configurar um consumo da morte como espetáculo ou memória, essas práticas são atravessadas por dimensões sensíveis, educativas e políticas patrimoniais (Almeida, 2016; Carrasco & Nappi, 2010). As diferentes denominações mobilizadas – *necroturismo*, *dark tourism*, *tanatoturismo* – evidenciam não apenas modos de nomear, mas também perspectivas distintas de interpretação: ora exotizantes, ora patrimoniais, ora devocionais. No Brasil, circuitos cemiteriais institucionalizados por políticas públicas convivem com fluxos contínuos de fiéis, moradores, curiosos e pessoas em situação de luto. Contudo, para que tais práticas se desenvolvam de maneira sustentável, torna-se fundamental a implementação de políticas de conservação e de manejo adequado, capazes de garantir a preservação dos túmulos e o respeito à sacralidade desses espaços. A incorporação dos cemitérios às rotas turísticas pode, assim, contribuir para a valorização do patrimônio, fomentar a educação patrimonial e incentivar práticas responsáveis de gestão. Sob essa ótica, o turismo cemiterial, ao articular memória, cultura e economia, consolida-se como uma estratégia relevante para a preservação e a ressignificação desses espaços.

A Mediação como Pesquisa-Ação: da identificação à execução

De acordo com Chisté (2016), persiste, no âmbito universitário, um problema histórico de dissociação entre teoria e prática, materializado na distinção entre dois tipos de pós-graduação: a acadêmica e a profissional. A primeira orienta-se à formação de professores e pesquisadores, isto é, daqueles que se dedicam à reflexão; a segunda volta-se à qualificação para o mercado de trabalho, priorizando a formação de sujeitos voltados à execução. Tal dicotomia, segundo a autora, tende a produzir trabalhos de caráter pragmático, especialmente no campo educacional, em que o horizonte desejável consistiria na formação de profissionais capazes de articular reflexão e a produção de respostas concretas a problemas, sejam eles cotidianos ou não.

Diante desse cenário, defende-se a necessidade de conciliar teoria e prática nas pesquisas, independentemente da área de conhecimento. No entanto, essa articulação se mostra tensionada pelas próprias normativas institucionais, que frequentemente reforçam a separação entre esses domínios e conduzem a trajetórias formativas distintas. Diante disso, torna-se pertinente superá-las⁴ e recorrer a metodologias que tensionem tais limites, dentre

⁴ É importante salientar que superar não significa contornar as normas e dicotomias existentes, afinal estamos imersos em um campo político, social, cultural e histórico, cujas reflexões e propostas precisam ser pensadas e aprofundadas (Chisté, 2016).

as quais se destaca a *Pesquisa-Ação*, foco central deste artigo, que consiste na compreensão de um problema situado na realidade investigada, acompanhada da proposição de iniciativas voltadas à sua resolução ou minimização, articulando conhecimento teórico e intervenção prática. Não se restringe ao diagnóstico ou à análise por parte do(a) pesquisador(a), mas implica também a elaboração de ações orientadas à transformação, em diferentes escalas temporais e de alcance. Além disso, pressupõe a participação coletiva (Mundim & Ferreira, 2024) como elemento fundamental para a realização e ampliação das ações propostas (Severino, 2017).

Em comparação a outros procedimentos metodológicos, a *Pesquisa-Ação* pode ser compreendida como uma forma de investigação alternativa, na qual pesquisador(a) e participantes aprendem conjuntamente a lidar com o problema identificado. Trata-se de uma abordagem que busca responder de modo mais direto às demandas do campo, ao promover intervenções que nem sempre são contempladas por métodos tradicionais (Thiollent, 1986). Sua aplicabilidade⁵ na investigação social ancora-se no empirismo, isto é, nas experiências e observações produzidas no campo. A partir da identificação de um problema, o(a) pesquisador(a) assume um papel ativo, incentivando a participação⁶ dos sujeitos envolvidos na construção de ações capazes de transformar positivamente a situação observada, sem dissociar tal movimento do embasamento teórico. Trata-se de um método amplamente mobilizado nas Ciências Sociais e progressivamente incorporado por outras áreas, em função de seu caráter participativo e orientado à transformação (Thiollent, 1986).

Com este caminho percorrido, a dissertação de Elisa Rodrigues (2023) teve como objetivo analisar o Cemitério Santa Izabel enquanto equipamento urbano integrado às dinâmicas da cidade. No decorrer da pesquisa, constatou-se a baixa visitação por parte dos moradores do bairro do Guamá, em geral restrita a datas socialmente instituídas, como o Dia de Finados, o Dia das Mães, o Dia das Crianças e o Dia dos Pais. Observou-se também um interesse reduzido pela história do espaço e pelas personalidades ali sepultadas. Em contrapartida, verificou-se que a frequência contínua do local, para além dos trabalhadores, concentra-se sobretudo entre devotos de santos populares do cemitério, como o médico Camilo Salgado, a moça do táxi Josephina Conte, Severa Romana, entre outros.

Diferentemente do Parque Cemitério Soledade, o Cemitério Santa Izabel não integra programações culturais promovidas pelo poder público, como a iniciativa *Uma Noite no Museu*. Tal constatação levou à elaboração de estratégias de aproximação entre a população local e o espaço cemiterial, por meio de atividades culturais articuladas às ações do Espaço Cultural Nossa Biblioteca.⁷ Dentre essas iniciativas, destaca-se o Cortejo Visagento (Rodrigues, 2022), realizado em 31 de outubro, em contraposição às referências do *Halloween*. O cortejo

⁵ No caso deste artigo, a sua aplicabilidade se iniciou durante o mestrado de Elisa Rodrigues, pesquisa etnográfica realizada entre os anos de 2021 e 2023.

⁶ Reforçamos que pesquisa-ação não é o mesmo que pesquisa participante. Toda *pesquisa-ação* visa a participação de pessoas envolvidas por um problema analisado em uma ação a fim de mitigá-lo ou saná-lo. Todavia, nem todas as pesquisas participantes são *pesquisa-ação*, uma vez que há pesquisas participantes amparadas na observação participante, visando apenas a aceitação de um grupo, e não uma ação coletiva que venha a ajudar na mudança da realidade observada (Thiollent, 1986).

⁷ Para saber mais, acesse: <https://www.instagram.com/ecnossabiblioteca>.

percorre as ruas do bairro narrando histórias locais, com a participação de personagens do imaginário amazônico e do folclore brasileiro, como Matinta Pereira e Curupira. A inserção nesse evento e a percepção do potencial narrativo do cemitério como suporte da história urbana impulsionaram a busca por outras formas de compartilhamento dessas narrativas, encontrando na mediação de visitas uma possibilidade fecunda.

A mediação,⁸ entendida como ação de intervir e auxiliar indivíduos ou grupos, implica a atuação de um(a) mediador(a)⁹ como intermediário em determinadas situações. Pode ser compreendida também como uma prática educativa orientada à transformação de realidades (Vasconcellos, 1992). Nesse contexto, Comerlato (2015) observa uma crescente aproximação da sociedade com os cemitérios, motivada por demandas sociais, culturais, educacionais e turísticas. Tais aproximações tendem a ser potencializadas por iniciativas como a mediação, que favorece a troca de conhecimentos e experiências entre mediadores e participantes.

Esta atividade, em necrópoles, possibilita o acesso a dimensões intrínsecas e extrínsecas do espaço, abrangendo informações sobre túmulos, arquitetura, trajetórias de vida, práticas de frequência e história do local. Trata-se de um conjunto de elementos frequentemente desconhecidos ou pouco explorados pelos visitantes, ainda que frequentem o espaço de forma recorrente. Ao promover esse acesso, a mediação contribui para o fortalecimento de vínculos, a produção de sensibilidades e o questionamento de estigmas que configuram os cemitérios como espaços interditos (Vasconcellos, 1992).

A mediação, portanto, assume um caráter transformador. Com base nessa perspectiva, Rodrigues (2023) apropriou-se de uma iniciativa de alcance nacional para implementar ações no Cemitério Santa Izabel. A Semana Nacional de Museus¹⁰, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em comemoração ao Dia Internacional dos Museus, mobiliza instituições culturais em todo o país por meio de atividades educativas e culturais, como exposições, oficinas, palestras e visitas mediadas, visando à valorização do patrimônio cultural e ao fortalecimento de vínculos com a sociedade.

No âmbito desta iniciativa, cada pesquisador(a) organiza visitas nos espaços em que desenvolve suas investigações. Um dos objetivos é aproximar a população local das necrópoles, por meio de atividades que aprofundem o conhecimento sobre história, identidade, cotidiano e práticas comunitárias, buscando ampliar vínculos para além de datas simbólico-coletivas

⁸ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mediacao/>.

⁹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mediador/>.

¹⁰ A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), entidade que congrega cientistas cujas pesquisas abrangem os cemitérios e as mais diversas manifestações acerca da morte, do morrer e dos mortos no Brasil, passou a promover, desde o ano de 2022, visitas mediadas organizadas e executadas por seus pesquisadores associados por todo o país, que foram expandidas a cada ano. Em 2022, a ABEC organizou oito visitas e, em 2023, 14 visitas. No ano de 2024, as visitas duplicaram em quantidade e foram para o total de 22. As mediações entre esses três anos, totalizaram 43 atividades pelo país, todas ocorridas nos Estados/Capitais de São Paulo (SP), Pará (PA), Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande do Sul (RS), Minas Gerais (MG), Santa Catarina (SC), Bahia (BA) e Pernambuco (PE). 2025 e 2026 ainda não foram contabilizados.

(Rodrigues & Silveira, 2022). Assim, nos anos de 2022¹¹ e 2023,¹² Elisa Rodrigues organizou visitas mediadas no Cemitério Santa Izabel com o propósito de compartilhar sua história, sua relevância urbana e as trajetórias de personalidades ali sepultadas, como Eneida de Moraes, Magalhães Barata e Antônio Tavernard. A ação, articulada à atuação de pesquisadores da ABEC em diferentes regiões do país, contribui para a reconfiguração dos cemitérios como espaços museológicos ativos e para o estímulo ao turismo cemiterial.

O processo de realização dessas atividades envolve a apresentação prévia de um roteiro à SEURB e ao Departamento de Necrópoles de Belém (DANE), responsáveis pela autorização. Posteriormente, estabelece-se o diálogo com a administração do cemitério, definindo-se os acordos necessários. Em seguida, os(as) interlocutores(as) de pesquisa são envolvidos na seleção dos túmulos mais significativos, participando ativamente por meio do compartilhamento de narrativas e experiências. O público-alvo inclui não apenas a população em geral, mas também trabalhadores do cemitério, como zeladores e coveiros, além de visitantes e pesquisadores. A divulgação ocorre no mês anterior à atividade. Em 2023, a participação concentrou-se majoritariamente em pesquisadores da Universidade Federal do Pará, interessados na história do local. Em 2024, ainda que o público permanecesse predominantemente acadêmico, observou-se maior presença de moradores do bairro, aproximando-se mais diretamente do objetivo de inserção comunitária.

Sob esse viés, com base no que fora desenvolvido e articulado coletivamente, a mediação realizada no Cemitério Santa Izabel, no contexto da Semana Nacional de Museus, pode ser compreendida como uma prática de *pesquisa-ação*. Sua origem está na identificação de um problema concreto - a ausência de ações sistemáticas de mediação -, ao qual se respondeu por meio de uma intervenção construída a partir de conhecimentos, relações e experiências acumuladas no campo. Conforme já indicado, a *pesquisa-ação* orienta-se à transformação de realidades, sem delimitação rígida de prazos ou alcances (Severino, 2017). Ao envolver os sujeitos na construção das ações, promove não apenas a resolução de problemas, mas também a produção de conhecimento e de consciência crítica (Thiollent, 1986). Os desafios do campo deixam de ser obstáculos e passam a constituir pontos de partida para a elaboração de práticas e saberes situados.

Esse processo implica acompanhamento sistemático das ações e decisões dos participantes, garantindo seu caráter colaborativo. A *pesquisa-ação*, assim, evita reduzir-se a um ativismo desprovido de reflexão, ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento produzido em diálogo com os sujeitos envolvidos, reconhecendo-os como coautores do processo investigativo. Durante as visitas mediadas, observou-se a participação ativa de trabalhadores do cemitério, especialmente coveiros, que compartilharam seus saberes sobre o espaço. Visitantes também interagiram, formulando questões e demonstrando interesse. O

¹¹ Para saber mais sobre a 22ª Semana Nacional de Museus, acesse: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/semana-nacional-de-museus/22a-semana-nacional-de-museus>.

¹² Para saber mais sobre a 23ª Semana Nacional de Museus, acesse: <https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/semana-nacional-de-museus/21a-semana-nacional-de-museus..>

cemitério configurou-se, então, como espaço de encontro, escuta e troca, evidenciando o potencial da mediação enquanto prática de *pesquisa-ação* ativa. Trata-se de uma experiência de caráter dialógico, na qual ensino e aprendizagem se entrelaçam, em consonância com a perspectiva de educação proposta por Paulo Freire (1996). É a partir dessa experiência que se aprofunda a análise desenvolvida no tópico seguinte, reafirmando a compreensão da mediação no Cemitério Santa Izabel como uma modalidade de *pesquisa-ação*.

Subvertendo percepções cemiteriais a partir das mediações nas necrópoles

As práticas contemporâneas de mediação cultural têm tensionado as perspectivas sobre determinados patrimônios ao propor outras formas de vivenciar, interpretar e ocupar esses espaços. Esta seção discute como tais mediações, especialmente aquelas conduzidas por agentes culturais, pesquisadores e coletivos locais, atuam na subversão das representações tradicionais atribuídas às necrópoles, abrindo possibilidades para sua reconfiguração como espaços de experiência, produção de conhecimento e vida social. Ao observar experiências concretas de visitas mediadas, performances, ações educativas e intervenções simbólicas no Cemitério Santa Izabel, torna-se possível compreender os efeitos dessas práticas na rearticulação dos vínculos entre cidade, morte e cultura.

Nessa perspectiva, o roteiro foi articulado conforme os princípios da *pesquisa-ação*, em diálogo com agentes diretamente vinculados ao espaço. Sua construção ocorreu a partir de consultas prévias a coveiros e demais trabalhadores do cemitério, que, com base em sua experiência cotidiana, indicaram percursos e destacaram túmulos significativos. Foram esses agentes que sugeriram a inclusão de locais de devoção popular e sepulturas de santos milagreiros, frequentemente visitados pela população e por devotos, ampliando a densidade simbólica da mediação. Esse processo colaborativo assegurou que o roteiro não se configurasse como uma elaboração externa, mas como resultado da escuta e da valorização de saberes construídos no cotidiano do cemitério. Desse modo, a mediação adquiriu legitimidade e sensibilidade ao integrar conhecimentos acadêmicos e práticas sociais enraizadas.

No contexto da Semana Nacional de Museus de 2023, a visita mediada no Cemitério Santa Izabel ganhou forma. Sob o tema "O futuro dos museus em comunidades em rápida transformação", a edição mobilizou quinze visitas em diferentes localidades do país. Entre elas, realizou-se a primeira edição no Cemitério Santa Izabel, em Belém, sob coordenação de Elisa Rodrigues (UFPA). A atividade, ocorrida em 18 de maio de 2023, estruturou-se a partir de um roteiro que articulava a história do cemitério, sua relação com o bairro do Guamá e personagens emblemáticos da necrópole, como o médico Camilo Salgado, a lavadeira Severa Romana e Josephina Conte, "a moça do táxi", reconhecidos como santos populares (Monteiro, 2012).

A atividade reuniu um público reduzido, porém interessado em conhecer esse espaço histórico da cidade. A divulgação, realizada por meio das redes oficiais da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC), atraiu diferentes perfis, incluindo pesquisadores, estudantes e interessados nas práticas culturais e patrimoniais associadas aos cemitérios. Apesar do número limitado de participantes, a diversidade do público favoreceu a troca de experiências,

contribuindo para o enriquecimento do processo de mediação e para a construção de uma aprendizagem coletiva.

As caminhadas interessadas (Figura 1), pensadas a partir da etnografia de rua (Eckert & Rocha, 2003) no espaço cemiterial, possibilitam uma aproximação sensível aos ritmos, gestos e interações que se desenrolam em seus percursos. Ao transitar pelo espaço de forma atenta, observando elementos materiais, memoriais, túmulos e práticas cotidianas de trabalhadores e visitantes, os participantes captaram nuances de sociabilidade e de relação com a morte que frequentemente escapam às dinâmicas ordinárias. Esse tipo de caminhada, mobilizado nas visitas mediadas, prioriza o olhar dos participantes e se articula às observações espontâneas que emergem ao longo do percurso, ampliando as possibilidades interpretativas do espaço cemiterial.

Figura 1: Participantes caminhando no Cemitério Santa Izabel, respectivamente, nas visitas mediadas de 2023 e 2024.



Fonte: Fotografias de Marcelo Oliveira, 2023, e de Pedro Cruz, 2024.

Portanto, ao se considerar as caminhadas pela cidade cemiterial (Rodrigues, 2023) no contexto das visitas mediadas e da *pesquisa-ação*, a experiência assume um caráter eminentemente colaborativo. O roteiro previamente elaborado atua como orientação inicial, mas mantém-se fluido e permeável aos interesses e às curiosidades dos participantes. Cada

visita, nesse sentido, desdobra-se de maneira singular, incorporando perguntas, narrativas e observações que emergem ao longo do percurso. Tal abertura favorece a vivência do cemitério não como um espaço estático de memória, mas como um campo de experiências sensíveis, no qual os aprendizados resultam da interação entre mediadores, visitantes e o próprio ambiente. Reforça-se, assim, a dimensão prática e reflexiva da *pesquisa-ação* nesse contexto.

Observa-se que os participantes das visitas mediadas demonstram interesse recorrente pelos personagens que habitam o cemitério (Figuras 2 e 3), frequentemente motivado por contatos prévios com narrativas de assombração ou de milagres. A contextualização dessas figuras durante a mediação amplia o engajamento dos visitantes, que passam a se envolver com trajetórias de vida e de morte de personagens emblemáticos, como artistas, políticos e outras personalidades que marcaram a história de Belém. Cada sepultura configura-se, desse modo, como um ponto de inflexão para o compartilhamento de conhecimentos históricos e para o estímulo à educação patrimonial, especialmente no que se refere à preservação física e simbólica do espaço. Esse processo articula aprendizado e reflexão, permitindo que os visitantes estabeleçam conexões entre eventos históricos e suas próprias experiências.

Figura 2: Participantes conhecendo as personalidades do Cemitério Santa Izabel



Fonte: Fotografia de Marcelo Oliveira, 2023.

Figura 3: Apresentação da atividade e do túmulo da “Moça do táxi”, santa popular do Cemitério Santa Izabel.



Fonte: Fotografia de Pedro Cruz, 2024.

Em 2024, a divulgação da visita manteve a mesma dinâmica adotada no ano anterior. A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) veiculou, em suas redes, a data da atividade e as informações relativas ao local e à mediação. Os materiais gráficos registram tanto a divulgação quanto a realização da mediação cultural no Cemitério Santa Izabel, em Belém do Pará, atividade pública integrada à 22ª Semana Nacional de Museus, sob a temática “Museus, Educação e Pesquisa”, além de evidenciar sua inserção no calendário oficial da programação nacional. Na fotografia em grupo (Figura 4), registrada no próprio Cemitério Santa Izabel, observam-se os participantes reunidos ao final da atividade, configurando um momento de encerramento e de celebração coletiva da experiência. Esse registro sintetiza uma proposta que busca ampliar o acesso ao espaço cemiterial como patrimônio cultural e como campo de reflexão sobre memória, morte e cidade, articulando, de maneira indissociável, pesquisa, educação e sociabilidade no contexto urbano dos mortos.

Figura 4: Participantes da Semana Nacional de Museus de 2023 e 2024, respectivamente.



Fonte: Fotografias de Marcelo Oliveira, 2023, e de Pedro Cruz, 2024.

No início de cada visita, a mediadora apresenta a proposta da atividade, o roteiro previsto e o próprio espaço do Cemitério Santa Izabel aos participantes. Esse momento inicial funciona como uma introdução estruturante, na qual se explicitam os objetivos da visita e se orienta o olhar dos presentes para a experiência mediada. Ao situá-los no espaço físico e no contexto histórico e cultural do cemitério, cria-se uma base interpretativa que possibilita avançar para a abordagem de personagens, práticas funerárias e elementos arquitetônicos ao longo do percurso.

Observou-se que alguns participantes relatam não ter tido contato prévio com o cemitério, mesmo residindo em Belém por longos períodos. Esse dado evidencia como o espaço cemiterial, embora integrado à malha urbana, permanece frequentemente invisibilizado ou associado a interditos simbólicos, sendo reduzido à sua dimensão funerária. A ausência de familiaridade revela a persistência de barreiras culturais que afastam os sujeitos desses lugares, restringindo-os a um imaginário marcado pelo silêncio e pelo distanciamento. Nesta conjuntura, a mediação cultural assume um papel relevante ao tensionar tais limites, promovendo um primeiro contato orientado pela reflexão crítica, pela historicidade e pelo reconhecimento do cemitério como patrimônio cultural.

O estranhamento inicial dos participantes foi progressivamente substituído, ao longo da visita, por um olhar mais atento às histórias, à arquitetura tumular, às práticas devocionais e à dimensão cultural que atravessa os percursos realizados. Esse deslocamento perceptivo evidencia a potência da mediação como prática pedagógica e social, na medida em que não se limita à transmissão de informações, mas incide diretamente sobre as formas de ver e de sentir o espaço. Os relatos coletados após a atividade indicam que muitos participantes passaram a compreender o cemitério como lugar de memória, no qual a cidade se reinscreve por meio de narrativas de devoção, de arte e de vínculos comunitários.

Assim, o que inicialmente se apresentava como um espaço distante ou desconhecido foi ressignificado como parte constitutiva da experiência urbana. O contato com túmulos de santos populares, personagens históricos e sepulturas de destaque arquitetônico contribuiu para a construção de um repertório compartilhado acerca das relações entre vivos e mortos, memória e cidade. Nesse processo, a mediação mostrou-se capaz de ampliar não apenas o conhecimento dos visitantes, mas também sua sensibilidade em relação à dimensão social e cultural da morte, abrindo possibilidades para futuras iniciativas de valorização e apropriação coletiva do espaço cemiterial.

As caminhadas realizadas no Cemitério Santa Izabel durante a visita de 2024, com um grupo mais numeroso em relação ao ano anterior, percorreram o espaço orientadas por explicações e reflexões mediadas sobre sua história, seus personagens e seus significados. As imagens registram o deslocamento do grupo no Cruzeiro das Almas e momentos de diálogo com Raimunda, uma das zeladoras do local (Figura 5). A interlocução com os trabalhadores do cemitério possibilita, ao longo da atividade, a escuta atenta de narrativas produzidas por aqueles que vivenciam cotidianamente o espaço, permitindo o acesso a informações mais precisas sobre a biografia de personalidades ali sepultadas, bem como sobre práticas devocionais e culturais associadas a determinados túmulos.

Figura 5: Em diálogo com Raimunda, zeladora do Cemitério Santa Izabel, durante a mediação.



Fonte: Fotografia de Pedro Cruz, 2024.

Por isso, destaca-se que visitas realizadas sem mediação em espaços museais, e, de modo particular, em espaços cemiteriais, tendem a reproduzir percepções hegemônicas do senso comum, frequentemente associadas ao medo, ao silêncio e à marginalização da morte na vida social. Nessas circunstâncias, a experiência limita-se, em geral, a um uso utilitário ou a uma curiosidade superficial, o que dificulta a construção de significados mais densos sobre o espaço. O cemitério permanece, assim, circunscrito à condição de destino final dos mortos e de *locus* do luto, sem abertura para outras dimensões sociais, culturais e históricas que o constituem. A ausência de práticas de mediação, nesse contexto, restringe a emergência de leituras críticas e plurais acerca das materialidades e das práticas que estruturam o espaço.

Em contraste, as visitas mediadas introduzem um dispositivo interpretativo que desloca a percepção dos visitantes, possibilitando um engajamento mais aprofundado com a historicidade, as memórias coletivas e as práticas sociais inscritas no cemitério. Ao articular narrativas, conhecimentos e sensibilidades, a mediação contribui para a valorização do espaço ao evidenciar sua complexidade enquanto lugar de sociabilidade, arte, religiosidade e patrimônio. O cemitério deixa, desse modo, de ser percebido exclusivamente como espaço

da morte, passando a ser compreendido também como espaço de transmissão cultural e de produção de sentidos compartilhados. Tal processo amplia o reconhecimento de sua relevância, tanto no âmbito local quanto em perspectivas mais abrangentes sobre a cidade e suas formas de lidar com a finitude.

Nesse sentido, a comparação entre visitas sem e com mediação evidencia o papel central da interpretação na constituição da experiência social do espaço cemiterial. Enquanto a ausência de mediação tende a reforçar estigmas e leituras reducionistas, a presença de práticas mediadoras favorece sua reinscrição no imaginário social como espaço de memória viva, capaz de articular passado e presente. A mediação, assim, não apenas valoriza o cemitério enquanto patrimônio cultural, mas também amplia as possibilidades de ressignificação das concepções de morte, morrer e relação com os mortos, deslocando-o de uma posição marginal para uma centralidade reflexiva no tecido urbano.

Por isso, a prática da mediação no Cemitério Santa Izabel revela-se um exercício complexo, na medida em que exige o enfrentamento de resistências culturais e de sensibilidades emocionais associadas à morte. Entre os principais desafios, destaca-se a necessidade de desconstruir visões estigmatizadas, frequentemente arraigadas, que reduzem o espaço cemiterial a um lugar de medo ou de interdição simbólica. Soma-se a isso a tensão entre os usos cotidianos do cemitério, como espaço de luto e visita familiar, e sua apropriação como campo de mediação cultural, o que demanda respeito às dinâmicas locais e negociação constante com diferentes atores sociais. Esse contexto requer do mediador o desenvolvimento de estratégias de escuta e adaptação, capazes de equilibrar a dimensão patrimonial e educativa com a experiência sensível dos visitantes.

Os aprendizados decorrentes dessa prática evidenciam que a mediação ultrapassa a simples transmissão de informações, configurando-se como um processo de construção coletiva de significados. No caso do Santa Izabel, o diálogo estabelecido com os visitantes demonstra que cada percurso abre possibilidades para novas leituras sobre memória, religiosidade e sociabilidade urbana. Ao integrar diferentes perspectivas, a mediação contribui para a contínua ressignificação do espaço, ampliando a noção de patrimônio para além de sua materialidade e incorporando afetos, narrativas e experiências compartilhadas. Nessa direção, consolida-se como uma prática simultaneamente pedagógica e antropológica, capaz de colocar em circulação outras formas de compreender as relações entre vivos e mortos.

As experiências acumuladas no Cemitério Santa Izabel indicam a relevância de expandir a mediação para outros espaços cemiteriais, considerando suas especificidades históricas, culturais e urbanas. Cada cemitério, enquanto parte de um tecido social mais amplo, apresenta potencialidades singulares para a construção de narrativas articuladas à memória coletiva e à história local. A partir dessa perspectiva, iniciativas análogas podem se beneficiar das metodologias desenvolvidas no Santa Izabel, adaptando-as a diferentes contextos e ampliando a valorização do patrimônio cemiterial em escala regional e nacional. Tal expansão tende a contribuir tanto para o fortalecimento de políticas de preservação quanto para o reconhecimento do cemitério como espaço de educação patrimonial e reflexão social.

Outro desdobramento possível reside no fortalecimento de parcerias interinstitucionais, envolvendo universidades, escolas, museus e órgãos públicos de cultura e turismo. Essas articulações podem sustentar programas permanentes de mediação, ampliando o alcance das ações e diversificando os públicos envolvidos, ao mesmo tempo em que consolidam a prática como parte das políticas culturais urbanas. Ao articular memória, história e emoção, a mediação em cemitérios favorece a problematização da relação social com a morte, deslocando-a de uma condição de invisibilidade para o campo dos processos educativos, culturais e identitários. Desse modo, uma experiência inicialmente localizada no Cemitério Santa Izabel projeta-se como possibilidade de expansão, configurando-se como instrumento de valorização e ressignificação de espaços cemiteriais em diferentes contextos urbanos.

Considerações Finais

As cidades cemiteriais, quando reconhecidas como espaços de educação, cultura e turismo, deslocam-se de sua função estritamente funerária para se afirmarem como dispositivos de memória e patrimônio. Tal deslocamento não é meramente retórico, mas implica a reconfiguração de seus usos sociais e de suas formas de apropriação. Nesse enquadramento, seu potencial pedagógico revela-se na capacidade de articular narrativas históricas, sensibilidades coletivas e processos de identificação, permitindo que sejam mobilizados na produção de conhecimento e na valorização da história local. O turismo cemiterial, por sua vez, inscreve-se como estratégia de preservação sustentável ao ativar esses espaços por meio da circulação de visitantes e da mediação interpretativa, assegurando a transmissão intergeracional de memórias. Desse modo, iniciativas de educação patrimonial e políticas públicas voltadas à conservação não apenas garantem a integridade material desses lugares, mas também promovem seu reconhecimento como marcos urbanos dotados de densidade simbólica.

É nesse horizonte que a *pesquisa-ação*, eixo metodológico deste estudo, demonstra sua pertinência no contexto do Cemitério Santa Izabel. Ao articular diagnóstico, intervenção e reflexão crítica, essa abordagem permitiu não apenas observar, mas incidir sobre as formas pelas quais o cemitério é percebido e experienciado. A mediação, concebida como prática situada, operou como dispositivo de ressignificação ao tensionar leituras estigmatizadas e instaurar novas possibilidades narrativas. Os dados etnográficos apresentados indicam que narrativas centradas nas trajetórias individuais, nas dimensões afetivas da morte e nas camadas históricas do espaço mostraram-se particularmente eficazes, na medida em que produziram identificação e deslocaram o olhar dos visitantes de uma percepção pautada pelo medo para uma compreensão relacional e histórica do lugar. Assim, a questão que orientou a investigação, relativa às formas de ressignificar o cemitério, encontra resposta na eficácia de estratégias narrativas que articulam memória, emoção e conhecimento, evidenciando que a transformação da percepção decorre da experiência mediada e compartilhada.

Essa inflexão analítica permite, ainda, situar o caso de Belém em diálogo com a bibliografia mobilizada. Ao evidenciar o cemitério como espaço outro, atravessado por múltiplas temporalidades e usos, a experiência observada tensiona e, ao mesmo tempo,

confirma a noção de heterotopia (Foucault, 2013), ao demonstrar que tais espaços não são apenas *loci* de exclusão simbólica, mas campos ativos de produção de sentido. Do mesmo modo, ao confrontar a ideia da interdição moderna da morte, os resultados indicam que, longe de um silenciamento absoluto, há reconfigurações contemporâneas das formas de lidar com a finitude, especialmente quando mediadas por práticas culturais e educativas. Nesse sentido, o estudo não se limita a um recorte local, mas contribui para o debate mais amplo ao evidenciar como, em um contexto amazônico, a morte é reinscrita no espaço público por meio de práticas de mediação.

A transposição da *pesquisa-ação* para o campo do patrimônio funerário constitui, portanto, uma contribuição relevante ao deslocar o cemitério da condição de objeto passivo de contemplação para compreendê-lo como um campo de forças em constante atualização. A intervenção mediadora não apenas interpreta o espaço, mas produz novos dados históricos e sociais, ao ativar memórias, suscitar narrativas e registrar formas contemporâneas de apropriação. Tal perspectiva amplia o escopo dos Estudos Cemiteriais no Brasil, ao incorporar a dimensão da recepção social e da gestão do patrimônio, e ao contribuir para a necessária descentralização da historiografia, ao privilegiar um *locus* amazônico frequentemente marginalizado nas análises nacionais. Ao privilegiar a interação humana em detrimento de uma leitura exclusivamente material, o estudo propõe uma forma de salvaguarda viva, na qual a memória é mantida pela circulação, pelo uso e pelo engajamento coletivo.

Os desdobramentos da experiência indicam que as visitas mediadas, quando concebidas como prática sistemática, possuem potencial de continuidade e expansão. O interesse demonstrado pelos participantes evidencia a demanda por experiências que articulem reflexão crítica sobre memória, morte e cidade. A consolidação dessas práticas permitiria não apenas o aprimoramento metodológico, mas também a construção de um repertório de estratégias replicáveis em outros contextos cemiteriais, reforçando o papel da mediação como instrumento de educação patrimonial.

Por fim, a relevância do estudo para os campos da Memória e do Patrimônio evidencia-se na proposição de um modelo de gestão que privilegia a ativação simbólica em detrimento de uma dependência exclusiva de recursos destinados à restauração material. A preservação, nesse contexto, realiza-se pelo uso social e pelo investimento afetivo. Ainda, ao demonstrar a atuação do(a) pesquisador(a) como mediador(a) cultural em espaços marcados pela dor e pela sensibilidade, o trabalho oferece um avanço metodológico significativo, ao evidenciar que a produção de conhecimento pode estar intrinsecamente vinculada à transformação da realidade investigada. Nesse sentido, políticas públicas voltadas à mediação cultural em cemitérios mostram-se fundamentais, não apenas como suporte institucional, mas como reconhecimento desses espaços enquanto territórios de articulação entre memória, cidadania e cultura urbana.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M. das G. de. (2016). A cidade e o cemitério: uma experiência em educação patrimonial. *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 1(1), 213-230. <https://seer.unirio.br/revistam/article/view/8118/6993>.
- Ariès, P. (1977). *História da morte no Ocidente*. Ediuouro.
- Ariès, P. (1981). *O homem diante da morte*. Francisco Alves.
- Assis, A. P. M. de; Teixeira, P. B. & Newman, D. T. C. (2025). Rochas e histórias: o potencial educacional, cultural e geoturístico do Cemitério Monumental de Santo Antônio. *Revista Foco*, 18(4), 1-28. <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8285/5855>.
- Carrasco, G. L. de A. & Nappi, S. C. B. (2010). Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. *Museologia e Patrimônio*, 2(2), 46-60. <https://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/60>
- Chisté, P. S. (2016). Pesquisa-Ação em mestrados profissionais: análise de pesquisas de um programa de pós-graduação em ensino de ciências e de matemática. *Ciência e Educ.*, 22(3), 789-808. <https://doi.org/10.1590/1516-731320160030015>.
- Comerlato, F. (2015). Visita mediada aos cemitérios de Cachoeira, Recôncavo da Bahia. In: VII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, de 20 a 23 de julho de 2015. In: Anais... Rio de Janeiro: UNIRIO, p. 395-407.
- Del Puerto, C. B. & Baptista, M. L. C. (2015). Espaço cemiterial e Turismo: campo de ambivalência da vida e morte. *RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo*, 5(1), 42-53.
- Eckert, C. & Rocha, A. L. C. da. (2003). Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. *Iluminuras*, 4(7), 1-22. <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160/5258>.
- Foley, M. & Lennon, J. J. (2000). *Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster*. Continuum.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. n-1 edições.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Monteiro, W. (2012). *Visagens e assombrações de Belém* (6ª ed.). Cromos Editora.
- Mundim, L. G. M. & Ferreira, D. G. (Org.). (2024). *Cemitério do Bonfim: patrimônio cultural, arte e fé*. IEPHA-MG.
- Mundim, L. M. (Org.). (2004). *Inventário do acervo de estruturas arquitetônicas e bens culturais integrados do Cemitério do Bonfim*. IEPHA/MG.
- Mundim, L. M. (2011). As necrópoles como patrimônio cultural: reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. Universidade de São Paulo.
- Mundim, L. M. & Miranda, A. S. (2014). Edifício do Necrotério do Cemitério do Bonfim - Belo Horizonte. In. IEPHA/MG. *Guia de bens tombados IEPHA/MG* (vol. 10, pp-37-40). IEPHA/MG.

Nora, P. (2008). *Pierre Nora en Les lieux de mémoire*. Ediciones Trilce.

Nunes, J. W. (2005). *Patrimônios subterrâneos em Brasília*. Annablume.

Pelegrini, S. (2006). Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Revista Brasileira de História*, 26(51), 115-140.

Petruski, M. R. (2007). A cidade dos mortos no mundo dos vivos - os cemitérios. *Revista de História Regional*, 11(2), 93-103.

Rodrigues, E. G. (2022). Cortejo Visagento: Imaginário e memória do Bairro do Guamá e da capital Belenense (PA). *Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, 17(2), 61-72. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/46187/36224>.

Rodrigues, E. G. (2023). *Espaços da morte na vida vivida e suas sociabilidades no cemitério Santa Izabel em Belém-PA: etnografia urbana e das emoções numa cidade cemiterial*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará].

Rodrigues, E. G. & Silveira, F. L. A. (2022). Às portas das cidades urbana e cemiterial na cidade de Belém (PA). *Revista Conhecimento Online*, 1, 67-85. <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/2867/3003>.

Rodrigues, E. G.; Silva, L. de S. & Santos, D. de S. B. dos. (2023). O desprezo pelo Estado nas perspectivas sobre o Cemitério da Soledade em Belém-PA: uma análise à luz da Antropologia das Emoções. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 10(18), 1-25 <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/30384>.

Seaton, A. V. (1996). Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism. *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), 234-244.

Severino, A. J. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez.

Stone, P. R. (2006). A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. *Tourism*, 54(2), 145-160.

Tavares, D. K. (2015). Cemitério: Patrimônio Cultural Material e Fonte de Turismo como Possibilidades. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 1(2), 191-210.

Thiollent, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação*. Cortez.

Urbain, J. D. (1978). *La Soeiété de Conservation: étude sémiologique des cimetières d'Occident*. Payot.

Vasconcellos, C. dos S. (1992). Metodologia Dialética em Sala de Aula. *Revista de Educação AEC*, (83).

Vovelle, M. (2000). *La Mort et l'Occident: De 1300 à Nos Jours*. Gallimard.

Submetido em: 30 de agosto de 2025

Aprovado em: 05 de maio de 2026